

O LOCAL E O GLOBAL: CONCEITOS E TENDÊNCIAS DO CIBERJORNALISMO REGIONAL DE DOURADOS

ROCHA, J. M.¹

RESUMO

A percepção da dimensão da lógica do local-global nos cibermeios de Dourados é o tema principal deste artigo que integra pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Comunicação da UFMS. Faz também uma reflexão sobre alguns aspectos da informação produzida por estes meios. Para tal, buscamos em outras áreas da ciência como a sociologia, economia, geografia, psicologia e da própria comunicação, conceitos relacionados principalmente às questões como local, global, glocal, identidade, territorialidade, jornalismo regional e de proximidade. Assim, usamos como metodologia, referencial teórico de autores brasileiros e estrangeiros que além destes temas, abordam ainda globalização e cibercultura. Concluimos, portanto, que a internet, principal ferramenta nessa relação homem-máquina está definitivamente inserida no processo de comunicação do homem moderno contemporâneo, oferecendo informação para que ele possa tomar as decisões necessárias no seu dia-a-dia, seja no trânsito, no trabalho, ou para o entretenimento, em Dourados, como em qualquer outro lugar do planeta, onde esteja interconectado.

PALAVRAS-CHAVE: Glocal, ciberjornalismo, mídia, proximidade e globalização

RESUMEN

La percepción de la magnitud de la lógica del local-global en los cibermedios de Dourados es el tema principal de este artículo, que integra la investigación desarrollada en el Programa de Maestría en Comunicación de la UFMS. El artículo también reflexiona sobre algunos aspectos de la información producida por estos medios. Con este fin, buscamos en otras áreas de la ciencia, como la Sociología, Economía, Geografía, Psicología y de la propia Comunicación, conceptos relacionados principalmente con cuestiones como local, global, glocal, la identidad, territorialidad, el periodismo regional y de la proximidad. Por lo tanto, utilizamos como metodología, marco teórico de autores brasileños y extranjeros, que, además de estos temas, aún tratan de la globalización y la cibercultura. Por consiguiente, concluimos que la internet, principal herramienta en esta interfaz hombre-máquina, está definitivamente inserta en el proceso de comunicación del hombre moderno contemporáneo, proporcionando información para que él pueda tomar las decisiones necesarias en su día a día, sea en el tránsito, en el trabajo, o para el entretenimiento, en Dourados, igual que en cualquier otro lugar en el planeta, donde estea interconectado.

PALABRAS-CLAVE: Glocal, ciberjornalismo e globalização.

¹Jornalista, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século passado, o surgimento de um dos mais poderosos meios de comunicação de massa, o rádio, fez o teórico canadense Marshall McLuhan enxergar o mundo como uma aldeia global, quando escreveu “A Galáxia de Gutenberg”, em 1962, traduzida para o português uma década depois. Que metáfora ele teria que lançar mão para analisar os efeitos provocados pela rede mundial de computadores e outras tecnologias advindas da internet no cotidiano da humanidade atualmente? Todo avanço tecnológico registrado na comunicação após os estudos de McLuhan e o advento da internet parecem em perfeita sintonia com seu pensamento que continua tão atual quanto sua aldeia global, sintonizada a globalização. Ao observar os efeitos da internet através dos impactos produzidos na comunicação e nos meios sociais percebe-se também a preocupação de Thompson, (2004, p. 19) com o tema, quando afirma tratar-se de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia, pois “transformou a natureza de produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”. Para ele, “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível” porque, “se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem”. Essa convicção é reforçada quando o teórico relaciona o desenvolvimento da comunicação à “reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social” (THOMPSON, 2004, p. 19).

Complementando o pensamento de Geertz sobre o homem, um animal suspenso em teias de significado tecidas por ele próprio, (Thompson, 2004, p. 20) afirma que “os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significados para si mesmos”. O autor entende a comunicação como uma atividade social distinta que trabalha a produção, a transmissão e a recepção de “formas simbólicas”, que utiliza recursos de vários tipos. Neste sentido, Alsina (2009) tem pensamento bem parecido, quando também divide em três fases, a construção do discurso jornalístico, que seriam a produção, a circulação e o consumo ou reconhecimento.

Suzana Barbosa (2002) observa que o funcionamento descentralizado da internet, onde as informações circulam num fluxo contínuo, contempla cada vez mais pessoas, a partir de localidades ao redor do globo terrestre. Estes fluxos integram movimentos universais que desembocam na cibercultura, numa articulação com a ideia de não totalização. Para ela, a internet “reflete a diversidade da humanidade e seu funcionamento descentralizado permite usos e apropriações variadas de vozes – a circulação de diversas vozes” (BARBOSA, 2002, p. 2).

Este artigo é parte de pesquisa do Mestrado de Comunicação da UFMS e tem como objetivo principal refletir sobre a dimensão do local e do global e suas tendências no ciberjornalismo regional praticado pelos cibermeios de Dourados, segunda cidade de Mato Grosso do Sul, a partir do referencial teórico de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que contempla conceitos relacionados ao tema, além de questões temáticas ligadas à identidade, territorialidade, jornalismo de proximidade, cibercultura.

1 - O LOCAL, ESPAÇO ONDE PULSA A VIDA

O sociólogo francês Alain Bourdin (2001, p. 56) entende que o local coloca em forma “o mundo da vida diária, sendo ele próprio fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social”. Para construir o conceito, o sociólogo traça um caminho teórico perpassando três tipos de locais, incluindo a vulgata localista: o local necessário, o local herdado e o local construído. Assim, ele chega a uma definição do local sem fazer dele, entretanto, uma “necessidade antropológica nem um conteúdo herdado e inevitável, mas uma forma social que constitui um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas”. Segundo o teórico, todas essas elaborações do local oferecem um lugar de destaque à proximidade e ao seu papel na vida social, embora seja o homem o agente que escolhe estabelecer uma proximidade em todo lugar, desde que lhe seja útil e agradável.

Bourdin (2001) afirma que as delimitações da localidade são “múltiplas e contingentes” e porque não dizer, complexas e atemporais, uma vez que envolvem ainda aspectos geográfico-territoriais e espacial-temporais, sem falar naqueles ligados a outras relações como culturais, históricos, linguísticos, por exemplo. Por outro lado ele ressalta que:

“Quaisquer que sejam as justificações históricas, naturais ou culturais, todas essas configurações locais são construídas por atores que as constituem em ‘contexto de ações’. Mas, uma vez estabelecido este dado sociológico, econômico e político do caráter contingente e construído com configurações locais, uma vez admitido que elas servem de mediação ou de lugar de articulação da ação (...) fica a questão em termos antropológicos sobre a categoria de proximidade” (BOURDIN, 2001, p. 13).

Desta forma, podemos entender que é no local onde pulsa a vida; os costumes se fortalecem, o social se robustece e as tensões domésticas são dizimadas, entendidas e absorvidas. É no local que as identidades são criadas e fortalecidas pelos laços, por vezes familiares, por vezes, afetivos e culturais de determinada comunidade; seja na família, primeira célula social, seja na sociedade, no clube, associação de moradores, na padaria da esquina; no bate papo da roda de amigos, sobre amenidades, no bar, onde se reúnem rotineiramente para discutir o mundo, nem sempre, reduzido ao território da vizinhança.

O local e o global, embora remetam inicialmente a pressupostos contraditórios, paradoxais e dialéticos parecem mais próximos do que imaginamos. Santos (2006, p. 218) sustenta que “a localidade se opõe à globalização mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho”. Na verdade, local e global estão interligados pelas mesmas configurações que os separam no processo social, onde a internet parece ser o expoente que melhor configuraria esse estágio. Castells (2012, p. 287) reforça este princípio na afirmação de que “a internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação”. Para ele, a internet processa a virtualidade, ao transformá-la na nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, aquela em que vivemos.

2 - O GLOBAL, INTERLIGADO E DEPENDENTE DO LOCAL

O termo global advém do globo terrestre, mas também remete à ideia da “aldeia global” de McLuhan. Globalização por sua vez vem de global e expressa, principalmente, as transformações culturais, históricas, econômicas, políticas e sociais pelas quais passa a humanidade, intensificadas, a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Mas foi nos anos 90 do século passado, que o fenômeno ficou mais conhecido e estudado no Brasil, em função das seguidas crises econômicas em nível nacional e internacional, principalmente, com a adoção pelo Brasil do modelo econômico neoliberal, muito associado à mundialização. Naquela época era comum afirmar que um espirito da economia de países emergentes do outro lado do planeta como Coreia e Rússia, por exemplo, era suficiente para contaminar a nossa. Ao longo da década de 90 do século XX, o mundo presenciou crises econômicas, que tornaram o capital mais volátil, fazendo-o mudar de país para país, dependendo das condições de segurança oferecidas pela economia do referido país. O Brasil perdeu muitas reservas, com retiradas diárias de dólar, que refletiam na perda da moeda nacional por causa da saída de investidores do país.

Muniz Sodré (2012) liga a palavra globalização à ideia de planetarização, por vir da etimologia grega plakso, que significa nivelamento. Para ele, a globalização tem característica mais regional, pois concentra os investimentos em determinadas regiões do globo:

“Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas tele tecnologias – globalização é, portanto, outro nome para ‘teledistribuição’ mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações” (SODRÉ, 2012, p. 23).

O sociólogo brasileiro Octávio Ianni citado por (Martín-Barbero, 2012, p.57) afirma que “o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir plenamente uma significação histórica”, enquanto Martín-Barbero enxerga nessas transformações tecnológicas e informacionais um deslocamento do sentido de lugar (espaço) no mundo, que o torna opaco. Para ele, o processo de globalização faz aumentar as diferenças culturais, além de expor cada cultura e identidade à outras, e cita Ianni para reforçar o argumento de que “a mundialização da cultura”, por outro lado, reconfigura o sentido da cidadania:

“De tanto crescer para fora, as metrópoles adquirem características de muitos lugares. A cidade passa a ser um caleidoscópio de padrões, valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, etnias e raças. Distintos modos de ser passam a concentrar-se e a conviver no mesmo lugar, convertidos em síntese do mundo” (Ianni, 1997 apud Martín-Barbero, 2012, p.61).

Milton Santos (2012) percebe a globalização com um processo de mundialização da técnica ou internacionalização, onde um sistema de forças pode levar o mundo para a homogeneização, a padronização da técnica e da mais valia. Ele entende que este período histórico pode levar o homem a conhecer o planeta de forma profunda e extensa como jamais foi visto. Esse período denominado de técnico científico permitirá ao homem não só usar os elementos procedentes da natureza como criar novos materiais nos laboratórios, produtos da inteligência humana, esse estágio positivo na visão de um crítico do capitalismo é denominado por ele de uma nova globalização.

3 - O GLOCAL, INTERAÇÃO DO PRÓXIMO E O DISTANTE

A lógica da relação local-global acabou resultando no “glocal” , uma espécie de interação, de intercomunicação entre o próximo e o distante pelas relações dos fluxos comunicacionais, através das redes, onde o global e local, se juntam e se separam propiciando novos significados para as identidades locais. Cazeloto (2007) usa a visão de Trivinho (2001a) para entender o glocal pelo viés do processo sócio-histórico-cultural. O autor amplia o conceito na seguinte definição:

“Glocal é um neologismo usado para indicar a superposição de um conceito global a uma realidade local, a partir de um meio de comunicação, prioritariamente (mas não exclusivamente) operando em tempo real. No ambiente glocalizado, o sujeito se vê em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, mas também o seu meio cultural) e global (o espaço mediático da tela e da rede, convertido em experiência subordinativa da realidade). Sem o fenômeno da glocalização, suporte comunicacional das trocas em escala global, a derrubada das fronteiras para a circulação de produtos, serviços, formas políticas e ideias estaria prejudicada ou impossibilitada” (COZELATO, 2007, p. 49).

O sociólogo inglês Robertson (1999), primeiro teórico a tratar sobre glocalização no ocidente, propõe uma atualização de paradigma, ao sugerir a troca do conceito de globalização por glocalização, ao aproximar, também, a perspectiva conceitual de global-local à de universal e particular. A reflexão proposta por Robertson contempla o universalismo-particularismo como uma forma global-cultural, mas que vai de encontro ao conceito defendido por Appadurai (1998) sobre as relações disjuntivas proporcionadas pela globalização, em suas formulações dos cinco panoramas – ideológico, financeiro, midiático, tecnológico e etnológico - para analisar as consequências da globalização. De acordo com Appadurai, a dicotomia igualdade e diferença marcada pelas disjunções entre os fluxos panorâmicos culmina numa cenário de incertezas provocado por estas disjunções.

Castells (1999) defende que na economia global, os sistemas avançados de telecomunicações podem localizar qualquer ponto no planeta, por isso os pequenos grupos comerciais, de centros regionais aderem à rede e tornam-se mercados emergentes. A internet, por suas características próprias, principalmente com a capacidade de interligar e acelerar mercados representa bem esta interação entre o global e o local, na visão de Castells.

“É um processo que conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diferente escala, dependendo da relativa importância das atividades localizadas em cada área vis-à-vis a rede global. Em cada país a arquitetura de formação de redes reproduz-se em centros locais e regionais, de forma que o sistema todo fique interconectado em âmbito global” (CASTELLS, 1999, p.470-471).

A exposição das imbricações observadas na relação local-global, que deságua naturalmente no glocal, demonstra como esses fenômenos estão, de alguma forma, interligados ao processo de globalização, mundialização ou internacionalização (ORTIZ, 1996; APPADURAI, 1998).

Se as disjunções vão criar desterritorialidades também vão criar, porque não dizer, novas territorialidades, ou novas comunidades e, em consequência, novas identidades. Assim, a globalização da comunicação, ao tempo que possibilita a difusão das informações mundialmente, também é responsável por despertar o interesse pelo local e, conseqüente, fortalecimentos das comunidades como forma de enfrentar as ameaças da globalização.

(Peruzzo, 2005) desenvolve pensamento neste sentido quando se refere à questão territorial física, por entender que atualmente a noção de território geográfico com determinante do local e do comunitário é fato superado em função do surgimento de novos valores que vão definir os novos laços de convivência:

“Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter” (PERUZZO, 2005, p.4).

Esse posicionamento da autora está ancorado no conceito de Bourdin (2001) sobre a questão local, quando argumenta a impossibilidade da definição de fronteiras precisas entre o regional, local e o comunitário, transportado também para a circulação dos meios de comunicação.

4 - IDENTIFICAÇÕES NA PÓS-MODERNIDADE

Para Woodward (2012, p. 25), as transformações globais ocorridas nas estruturas políticas, econômicas e sociais no mundo contemporâneo trazem à baila outros temas como “identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais”, uma vez que estas alterações não acontecem apenas nas escalas global e nacional, mas também na formação da identidade, impactando também nos âmbitos locais e pessoais. A autora cita Ernesto Laclau para enfatizar que as crises globais da identidade têm a ver com deslocamento, embora reconheça que nas sociedades modernas não existam identidades fixas, mas sim, uma pluralidade de centros e o que estaria ocorrendo, na verdade, seria um “deslocamento de centros”. O mesmo Laclau argumenta que esse movimento, contudo, apresenta implicações positivas, pois o deslocamento indica a existência de diversos e diversificados lugares, onde vão surgir novos sujeitos que vão expressar essas novas identidades.

Assim como Woodward, Hall (2006) trata a questão da identidade como um processo de representação social, o que faz com que “moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (Hall, 2006, p.71).

O autor usa um modelo de três categorizações para definir os efeitos da globalização sobre a identidade:

“a) As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’; b) As identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; c) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (HALL, 2006, p. 69).

Se a internet se transformou numa das ferramentas fundamentais das mudanças e transformações recentes ocorridas na sociedade contemporânea, onde aparece como um dos expoentes da globalização, o que poderá ser dito do papel dela na cibercultura? De acordo com Rüdiger (2011), a palavra cibercultura dá conta de fenômenos que resultam das novas tecnologias de comunicação, principalmente da mídia digital interativa.

5 - A CIBERCULTURA, O “NOVO UNIVERSAL”

Com base em sua visão crítica, o teórico brasileiro define cibercultura como “a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação” (RUDIGER, 2011, p. 10).

Lévy (1999, p. 15) define cibercultura como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Para o teórico francês, a cibercultura representa o aparecimento de um “novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”, porque a cibercultura “leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente”. Um otimista cibernético como ele próprio se autodefine, Lévy (1999) entende que a internet não resolverá todos os problemas culturais e sociais do mundo, mas que é preciso reconhecer dois fatos:

“Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação, diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano” (LÉVY, 1999, p. 11).

O avanço das novas tecnologias, principalmente a internet tem favorecido também o surgimento e consequente fortalecimento de portais regionais de notícias, de forma massiva e segmentada. Barbosa (2002, p. 64) avalia que esses portais “[...] se distinguem pela atuação segmentada e pela relação direta estabelecida entre comunidade e conteúdo”. Constituem-se em exemplo de apropriação da tecnologia e seguem a lógica de articulação local-global. Ao se apropriarem dessa lógica, os cibermeios incorporam conceitos ligados ao contexto da globalização como o ciberjornalismo e o ciberjornalismo de proximidade.

6 - O CIBERJORNALISMO, MODALIDADE JORNALÍSTICA DO CIBERESPAÇO

Mielniczuk (2003) entende que a palavra ciberjornalismo remete ao jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética sendo, portanto, o jornalismo feito com o auxílio do ciberespaço. “A utilização do computador para gerenciar um banco de dados na hora da elaboração de uma matéria é um exemplo da prática do ciberjornalismo” (MIELNICZUK, 2003, p.43). Schwingel (2012) reforça e complementa este conceito ao afirmar:

“Ciberjornalismo é a modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas. Seu processo de produção contempla a atualização contínua, o armazenamento e recuperação de conteúdos e a liberdade narrativa com a flexibilização dos limites de tempo e espaço, e com a possibilidade de incorporar o usuário nas etapas de produção. Os sistemas de gerenciamento e publicação de conteúdos são vinculados a bancos de dados relacionais e complexos” (SCHWINGEL, 2012, p. 37).

A autora elenca ainda os princípios básicos desta nova linguagem jornalística: 1) a multimídia; 2) a interatividade; 3) a hipertextualidade; 4) a customização dos conteúdos; 5) a memória; 6) a atualização contínua; 7) a flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção; e 8) uso de ferramentas automatizadas no processo de produção. A evolução do ciberjornalismo, na visão de Schwingel, ocorre em função do processo produtivo, e a definição de uma linguagem própria e com processo bem estruturados que possibilitam a aplicação industrial prática. As particularidades da sua linguagem, da sua narrativa com sua singularidade estão identificadas nas características que a diferenciam das outras mídias, anteriores à internet.

Peruzzo (2003, p.70) ratifica a valorização dos meios de comunicação local: “[...] revitalizados no momento atual como uma demanda social pela diferença e por uma comunicação mais próxima à vida e aos interesses do cidadão”. Ela adverte, contudo, que o interesse da mídia comercial se caracteriza pela demanda do segmento, sem aprofundar a sua potencialidade de comunicação de proximidade, tampouco a de um caráter mais voltado para os interesses do cidadão.

7 - MÍDIA LOCAL, OU DE PROXIMIDADE

Para Silverstone (2005), a mídia precisa ser estudada, para se compreender como e onde surgem os significados, além das consequências trazidas por ela. O autor defende que é necessário ter capacidade de identificar os momentos em que o processo parece falhar, onde ele é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Ele define a mídia como um processo, uma coisa feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem, seja se forma real, ou virtualmente, ao se comunicarem, se informarem, persuadirem, informarem, entreterem, educarem, se conectarem umas às outras. De acordo com Silverstone, entender a mídia como processo, também implica um reconhecimento de que esse processo é fundamentalmente político, ou talvez, mais estritamente, politicamente econômico. E vai mais além quando diz que, passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informações, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência (SILVERSTONE, 2005).

Nesse sentido, Peruzzo (2003) sustenta que, com o advento das novas tecnologias de comunicação, sobretudo a internet, as relações sociais e pessoais podem ser estabelecidas com base na proximidade de interesses e identificações por meio das comunidades virtuais. Ela ratifica a peculiaridade, quando afirma que a mídia local tem características em comum com a grande mídia, mas que a unidade de negócio, rentável, ou seja, os interesses mercadológicos estão acima dos outros interesses. Segundo Peruzzo (2003), a mídia local não é homogênea e suas estratégias editoriais são variadas e influenciam o tipo de inserção na cidade ou região. Outra importante percepção que não deve ser desprezada é que na era da sociedade em rede, além da proximidade física compartilhar o mesmo ambiente no ciberespaço, pode conferir peculiaridades de afinidade e identificação. Sobre essa assertiva, López García (2008) diz que o espaço local é um âmbito de experiências compartilhadas, valores culturais compartilhados, entre quem emite e quem recebe, participando ou não da construção da mensagem,

porque o jornalismo local interpreta a realidade pelo prisma dos valores compartilhados.

Nessa perspectiva, López García (2008) argumenta ainda que o jornalismo de proximidade tem ocupado um lugar singular na história das teorias do jornalismo e a singularidade dos espaços locais, tem contribuído para a personificação de um cenário da comunicação atual onde uma dupla e simultânea tendência do local e o global apresenta novos recursos. Ele considera a aproximação do local na perspectiva do ciberjornalismo, a sobrevivência dos antigos modelos em novos tempos e, apresenta o caminho a ser trilhado pela comunicação, neste século:

“A informação local do terceiro milênio tem que ser uma informação de qualidade, plural, participativa, imaginativa, que explique o que acontece no âmbito onde está sediado o veículo de comunicação, para quem informa e que narre o que afeta e interessa os habitantes desse território espacial, inclusive, quando se produz fora. A informação local do terceiro milênio deve promover a experimentação e converter os cenários de proximidade em lugares de comunicação eficiente e lugares de onde possam ser exportadas novas linguagens e formatos para a comunicação mundial” (LÓPEZ GARCÍA, 2008, p. 34, tradução nossa).

O teórico espanhol enxerga o ciberjornalismo como opção para o futuro, em termos de comunicação, apesar das limitações apresentadas pelos principais atores e suas estratégias desenvolvidas nas redes de comunicação e sociais. Ele justifica sua posição na sustentação de que apesar da decepção que muitos cidadãos sofrem com o jornalismo praticado por muitos meios de comunicação, o novo cenário digital oferece novas possibilidades para uma maior participação, um maior controle dos processos de comunicação e conseqüentemente, maior transparência. Outra observação feita pelo autor é a de que os cibermeios dispõem de capacidade de produção para elaborar conteúdos de proximidade, que se converterão em referências de informação nos âmbitos mais próximos, que conhecem melhor e que podem explicar a complexidade que permeia os comportamentos dos cidadãos que ali vivem e que recebem estes fluxos informativos de vários e diversos setores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrer conceitos e teorias sobre fenômenos ligados à vida cotidiana das sociedades contemporâneas e seus impactos promovidos, principalmente, pelas mudanças e transformações ocorridas em decorrência das novas tecnologias da era pós-industrial na área da comunicação, o estudo aponta a importância, por exemplo, do ciberjornalismo e, principalmente o de proximidade, ou regional, como uma situação tão presente no cotidiano do cidadão como o seu computador, tablete ou smartphone. Ou seja, uma máquina capaz de ler os bites das informações: tanto as que chegam ao receptor, quanto às produzidas e emitidas por ele, na rede de computadores como o que ocorre nos cibermeios de Dourados.

Por outro lado, é possível perceber que a internet, principal ferramenta nessa relação homem-máquina aqui estudada, está definitivamente inserida no processo de comunicação do homem moderno contemporâneo, oferecendo informação para que ele possa tomar as decisões necessárias no seu dia-a-dia, seja no trânsito, no trabalho, ou para o seu entretenimento. É uma teia da qual, ele não consegue se desvincular, pois quase tão necessária como o alimento, para alcançar a velocidade do mundo e se inserir nele como agente participante

do contexto histórico, social, político, econômico e cultural.

A relação local-global, neste cenário globalizado apresenta, em função do uso da web, o ciberjornalismo de proximidade como outra realidade irreversível. Essa tendência é aferida nas palavras dos teóricos aqui citados, principalmente López García (2008), quando pontua que a transcendência da informação local nos meios locais de comunicação têm a relevância nos meios de caráter 'supra-local', pois o local, graças à internet, supera os limites geográficos, fazendo a informação local estabelecer uma agenda nos meios digitais, transpondo as fronteiras geográficas para se transformar em temática. Ele justifica seu posicionamento ao argumentar que os cibermeios, que associamos com o ciberespaço e com a mundialização, têm raízes e, portanto, uma estreita relação com o local. Por isso, a mundialização, as redes e as tecnologias atuais da comunicação têm favorecido o desenvolvimento do local desde a comunidade, com a criação de cibermeios, em alguns casos, muito participativos e dinâmicos, onde surge o ciberjornalismo colaborativo.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A Construção da Notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia global. In: FEATHERSTONE, Mike (coord.). *Cultura Global: Nacionalismo, globalização e modernidade* 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BARBOSA, Suzana. *Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, na UFBA, Salvador (BA), Novembro de 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-portais-mestrado.pdf>. Acesso em: 31.01.2012.
- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CAMPONEZ, Carlos. *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Lisboa: Edições Minerva Coimbra, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *Internet e sociedade em rede*. In: MORAES, Dênis (Org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- CAZELOTO, Edilson. *A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo*. Tese de Doutorado apresentada na PUC-SP, em 2007. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-12-27T07:03:47Z-4637/Publico/Edilson%20Cazeloto.pdf. Acesso em 28.04.2013.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÓPEZ GARCÍA, Xosé. *Ciberperiodismo em la proximidade*. Sevilla: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2008.
- MC LUHAN, M. H. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: EDUSP, 1972.
- MIELNICZUK, Luciana. *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web*. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Globalização comunicacional e transformação cultural*. In: MORAES, Dênis (Org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. *Mídia Local, uma mídia de proximidade*. *Comunicação: Veredas*, Ano 2 – nº 02 – novembro 2003. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaoveredas/article/viewFile/5105/4723>. Acesso em: 21.04.2012.
- _____. *Mídia Local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG,

02 a 06 de setembro de 2003. Acesso no dia 03.12.2012, em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99061099541813324499037281994858501101.pdf>.

_____. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Publicado na Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p.67-84, 1o. sem. 2005. Disponível em: http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_regional_e_local_aspectos_conceituais_e_tendencias.pdf. Acesso em 10.01.2013.

ROBERTSON, Roland. Globalização: teoria social e cultura global. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SALAVERRÍA, Ramón (Coord.). Cibemedios: El impacto de internet em los médios de comunicación em España. Sevilla: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2005a.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, 22ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção, 4 edição, 2 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHWINGEL, Carla. Ciberjornalismo. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo, Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como barbárie. In: MORAES, Dênis (Org.) Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

THOMPSON, John. A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia, 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRIVINHO, E. Glocal: Para a renovação da crítica da civilização mediática. In: FRAGA, Dinorá; FRAGOSO, Suely (Org.). Comunicação na cibercultura. São Leopoldo: Unisinos, 2001a.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.